



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

LARISSA GOEDERT CABRAL

**OS AMBIENTES DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E O QUE
ELES PODEM NOS DIZER: A EXPERIÊNCIA DE CONTAR E
OUVIR HISTÓRIAS EM UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL
DE ENSINO DE SANTA CATARINA**

**FLORIANÓPOLIS
2017**

LARISSA GOEDERT CABRAL

**OS AMBIENTES DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E O QUE
ELES PODEM NOS DIZER: A EXPERIÊNCIA DE CONTAR E
OUVIR HISTÓRIAS EM UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL
DE ENSINO DE SANTA CATARINA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Universidade Federal de Santa Catarina
como pré-requisito para obtenção do grau de
licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Leandro Belinaso Guimarães
Coorientadora: Aline Gevaerd Krelling

**Florianópolis
2017**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Cabral, Larissa Goedert

OS AMBIENTES DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E O QUE ELES
PODEM NOS DIZER: A EXPERIÊNCIA DE CONTAR E OUVIR
HISTÓRIAS EM UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DE ENSINO
DE SANTA CATARINA / Larissa Goedert Cabral ;
orientador, Leandro Belinaso Guimarães,
coorientadora, Aline Gevaerd Krelling, 2017.

56 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Ciências da Educação, Graduação em Pedagogia,
Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Pedagogia. 2. Contação de Histórias. 3.
Ambiente. 4. Experiência. I. Belinaso Guimarães,
Leandro . II. Gevaerd Krelling, Aline. III.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Pedagogia. IV. Título.

LARISSA GOEDERT CABRAL

**OS AMBIENTES DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E O QUE
ELES PODEM NOS DIZER: A EXPERIÊNCIA DE CONTAR E
OUVIR HISTÓRIAS EM UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL
DE ENSINO DE SANTA CATARINA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina como pré-requisito para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia à comissão julgadora dos professores do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Aprovado em: __/__/__

Professores que compuseram a banca examinadora:

Aline Gevaerd Krelling
Coorientadora

Gilka Elvira Ponzi Girardello
Membro

Davi Henrique Correia de Codes
Membro

Dedico este trabalho às 4 pessoas mais importantes da minha vida e detentoras de todo o meu amor, Eudes, Maércio, Salete e Manuela.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por tudo que tem feito por mim ao longo desses anos e por ter chegado até aqui e estar concluindo esta importante etapa da minha vida pessoal e profissional.

À meu noivo, Eudes Mafra, por todo apoio, compreensão e atenção comigo neste momento especial da minha vida. Além de grande companheiro, conselheiro e meu grande amor, foi neste processo de ser pesquisadora, meu ajudante, técnico em informática e fonte de muitas inspirações.

À minha família, pai, mãe e irmã que me apoiaram em todos os momentos da minha vida, bem como nas dificuldades que encontrei ao longo dos tempos e de toda a graduação em Pedagogia, minha eterna gratidão e todo meu amor.

À meu orientador de pesquisa e de trabalho, Leandro Belinaso Guimarães, que desde as suas aulas de Ciências, educação e Infância demonstrou ter um grande conhecimento na minha área de pesquisa e nas demais que a complementam. Meus agradecimentos por todas as orientações e ideias trocadas ao longo desta pesquisa e da conclusão desta etapa da minha vida.

À minha coorientadora uma gratidão imensa, desde a bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) demonstrou com muito brilho nos olhos o amor e identificação pela área da minha pesquisa. Agradeço muito por todo apoio, por todas as orientações, ideias trocadas e por aceitar trilhar essa pesquisa comigo.

À meus eternos amigos que a UFSC me possibilitou conhecer, Daiana, Jony e Karla, obrigada por ser apoio e ombro amigo em todos as tardes e etapas que caminhamos juntos. Que o nosso amor pela profissão e um pelo outro siga sempre em nossas lembranças e fazendo sempre que possível, o coração palpitar mais forte.

Às minhas colegas do grupo Contarolando e do Pet Pedagogia, por todo apoio, companhia e aprendizado que me propiciaram. Muitas das inspirações deste trabalho só foram possíveis por nossas experiências.

Aos colegas do colégio Logosófico, por todo apoio, compreensão e incentivo, neste momento de pesquisa e de grandes desafios.

Agradecimento especial a Professora Ju e diretora Nice por aceitarem entrar nesta pesquisa comigo e cederem um pouco da escola e de suas aulas para a construção deste trabalho.

Para finalizar um enorme agradecimento às crianças envolvidas nesta pesquisa que foram minhas companheiras, motivo de alegria e inspiração em cada oficina e na construção da escrita neste trabalho.

À todas as pessoas que direta ou indiretamente fizeram e fazem parte da minha vida, minha eterna gratidão!

RESUMO

A contação de histórias tem sido bastante discutida e pesquisada na área da educação como uma aliada a aprendizagem, mas pouco se tem discutido do ambiente em que ocorre essa prática e na forma como as crianças a experienciam. Com esse intuito esta pesquisa vem trazer algumas inquietações de uma contadora de histórias e futura professora. Esta pesquisa foi tecida com o apoio de referenciais teóricos e com a pesquisa de campo feita em uma escola estadual da rede de ensino de Santa Catarina, em uma turma de 3º ano do ensino fundamental. Este trabalho possibilitou novos olhares para o ambiente da escola e da sala de aula, bem como para o ambiente no qual a contação de história estava inserida.

Palavras chave: Contação de histórias, ambiente, experiência.

SUMÁRIO

1 DA NARRAÇÃO DO EU PARA A NARRAÇÃO DO TODO, UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS EM FORMAÇÃO	15
1.1 Um pulsante desejo de contar histórias	17
1.2 Os ambientes de contação de histórias, o que eles me dizem?	19
2 O DESPERTAR DA PESQUISA	22
2.1 Uma história de sintonia.....	24
2.2 Uma floresta na escola, a escola da floresta	25
2.3 As crianças e a Professora, o primeiro contato.....	27
2.4 O planejamento de muitos aprendizados	29
2.5 Registrando o vivido	31
3 AS OFICINAS, SAINDO DO PAPEL PARA O CORAÇÃO	33
3.1 O primeiro dia no colégio.....	34
3.2 A primeira oficina – O improviso da realidade	35
3.3 Segunda oficina – A coleção de sorrisos.....	37
3.4 Terceira oficina – Um varal de sentimentos.....	40
4 REFLETINDO O PERCURSO E O AMBIENTE	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	52
ANEXOS.....	54

1 DA NARRAÇÃO DO EU PARA A NARRAÇÃO DO TODO, UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS EM FORMAÇÃO



O nascimento da leitura e da contação de histórias começou desde cedo em minha vida. Meu pai, professor e grande leitor, me incentivou desde cedo à leitura, sempre me contando belas histórias e quando podia me dava livros ou pegava emprestado na biblioteca pública da cidade.

Já as memórias da leitura escolar feitas pela professora da classe não são muitas. O que me recordo da escola são das histórias e lendas que meus colegas contavam e que não deixam de ser boas histórias. Conforme o tempo foi passando, meu gosto pela leitura já não era o mesmo. Sentia um vazio e já não me sentia mais motivada.

Foi quando, em março de 2013, ao ingressar na Universidade Federal de Santa Catarina vi e senti que as pessoas estavam em contato direto com a leitura, sejam as obrigatórias dos cursos ou as feitas por prazer. Olhava as pessoas sentadas nos gramados, nos bancos e na biblioteca lendo livros que as deixavam tão entretidas que não viam o tempo, o ambiente e as pessoas se moverem. Essa afeição pela leitura começou de mansinho a voltar nas minhas lembranças e também em mim e nas minhas novas vivências.

Num dia “comum” de trote do curso de Pedagogia, os ventos começaram a tomar outros rumos e sem perceber aquela brisa gostosa acabou por me tocar. Os alunos novos do curso foram convidados a ir ao Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI) para assistir e ouvir uma contação de histórias do grupo cênico literário Contarolando¹. Foi uma experiência linda ver as integrantes do grupo contar aquelas belas histórias, que antes apenas escritas não me tocavam tanto. Fiquei encantada com a contação e com a reação das crianças com a história, foi, posso dizer, amor à primeira vista. Após aquela contação, não tive mais contato com as contadoras e nem sabia muito do que faziam, apenas o que havia presenciado e sentido.

¹ O grupo cênico-literário Contarolando é formado por estudantes do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Sua criação ocorreu durante a pesquisa de pós-doutorado intitulada “Teatro, Literatura para a Infância e Prática Educativa: diálogo entre fazeres”, realizada pela professora Simone Cintra, junto ao PPGE/UFSC e sob a supervisão da professora Eliane Debus.

Em meados de maio do mesmo ano, tive a oportunidade de entrar para o Programa de Educação Tutorial de Pedagogia (PET Pedagogia) e como o grupo Cênico-Literário Contarolando era parte do projeto de extensão do PET Pedagogia entrei para conhecer o grupo e um pouco mais do que faziam. Mas já com a expectativa de reviver aquela brisa gostosa que havia suavemente me tocado, naquele momento na posição de ouvinte.

De início, fiquei apenas nos “bastidores” me encantando ainda mais com a literatura e a contação de histórias. No grupo, tínhamos toda uma preparação com a Prof^a Simone Cintra e com o apoio também da Prof^a Eliane Debus. Estudávamos alguns textos, criávamos algumas cenas e quando não dava certo recriávamos de novo, pensávamos sempre em preparar a melhor forma de levar as histórias para as crianças.

1.1 Um pulsante desejo de contar histórias

Após algum tempo de aprendizado, estudo e prática comecei também a contar histórias. Foi um momento mágico contar a primeira história junto com as meninas que integravam o grupo, das quais tenho muita gratidão e apreço. Tenho que confessar que de início sentia um friozinho na barriga, um medo de não corresponder as expectativas do grupo e das crianças, mas depois aprendi que esse friozinho era tão normal que chegava a ser bom.

No ano de 2015, com a oportunidade de participar de uma bolsa de iniciação científica (PIBIC), a contação de histórias continuava ainda mais forte dentro e fora de mim. Como bolsista pude ter outras experiências, dessa vez em sala de aula auxiliando na ²pesquisa de Doutorado de Aline Krelling. Eram contações diferentes das que eu

² Uma pesquisa com crianças que acontece no/com o cotidiano de uma escola pública localizada em um bairro de periferia no município de São José – SC. Pesquisa esta que buscou articular e operar com os conceitos de imaginação, brincadeira e narrativa. Durante dez semanas fomos ao encontro de 30 crianças para contar/ouvir/criar histórias.

estava acostumada a fazer, antes éramos em um grupo de no mínimo 6 pessoas, e agora éramos só nós duas.

Descrevo a seguir, em forma de rimas (texto construído para o relatório da bolsa Pibic), a experiência de contar histórias e das oficinas produzidas durante as semanas da pesquisa junto ao PIBIC:

“Era uma escola muito engraçada, não tinha grama, árvores e nem muita coisa enfeitada;

Eram salas padronizadas, com carteira e mesas enfileiradas;

Parecia coisa de gente que só pensava e não brincava;

Eram crianças muito engraçadas, que tinham sonhos, planos e muitas piadas;

Era um lugar de muitas histórias e fantasias. Mas em meio ao sinal batendo, quem iria trazer coisas novas, se todo mundo tinha que sair correndo?

Eram duas moças muito engraçadas, que iam todas as sextas-feiras brincar com e ensinar a criançada;

Eram duas moças que sempre iam muito carregadas. De muitas brincadeiras, objetos e histórias lindas para serem contadas;

Eram histórias muito encantadas, com personagens que brincavam e encantavam a molecada;

A primeira história ficou marcada. Era de uma bruxa muito danada.

A segunda era uma poesia do caminho das formigas e de um dedo metido. Que no caminho delas fazia muita folia.

Tinha outra história de um menino que viajava muito e quando voltava trazia para casa uma latinha. Que ficavam guardadas todas as imagens e histórias que ele via e sentia.

Tinha também a história de uma bicicleta. Que de tão doída, mais parecia epiplética.

Se eu contar, vocês não vão acreditar..

Mas tinha uma história muito maneira. De um menino que carregava água na peneira.

Outra história um pouco diferente, não tinha nada escrito. Então surgia uma árvore vermelha e todos os olhos admiravam aquilo. De fato, era muito bonito.

Dessas histórias diferentes. Tinha a do menino e o mundo, que no fundo lembra muito a vida da gente.

Tinha uma história cheia de trapos. Com uma menina que rimava as palavras e fazia farrapos.

Eram tantas histórias, mas já está quase acabando..

De uma aldeia foi feito um livro, que contava um pouco de seus costumes. Quem não era índio, estranhava. Mas como é bom conhecer as coisas que a gente nem imaginava.

E para fechar todas as histórias. Até o Darwin levou um menino embora.

E agora...

Era uma sala muito diferente. Que tinha um baú, um mascote e muita gente contente.

E as crianças escreveram muito. Eram tantos sonhos e sentimentos. Que quando foram escritos, os olhos enchiam de lágrima e o coração acelerava.

E as duas moças do começo da história. Com certeza fizeram a diferença naquela escola.”

Todas essas experiências foram muito importantes para a constituição da contadora que venho me tornando. Olhar para o público (as crianças) e ver que alguma coisa foi tocada, que ao menos um sorriso e um olho brilhando ali pude deixar, é a melhor sensação que podemos ter. Todas as oportunidades de contar histórias foram de alguma forma construtivas, eram pessoas, ambientes, reações e experiências diferentes. Eram experiências que não davam de comparar jamais umas as outras. Concordando com Girardello, uma das autoras que muito me inspira:

Contar e ouvir histórias age como uma pequena clareira nesse bosque, um espaço onde se vê a luz das estrelas, onde as crianças podem exercitar de forma especial seus poderes de enxergar longe, além do que a vista alcança. Longe em anos-luz e longe no tempo, desde o passado mítico ao futuro intergaláctico. E podem exercitar, ao mesmo tempo, a possibilidade de sentir-se radicalmente perto de si próprias, enquanto a batida dos corações acelera, e os pelinhos dos braços arrepiam de emoção. (GIRARDELLO, 2014, p.10)

Foi assim que quando comecei a contar histórias percebi que aquela brisa suave que um dia me tocou, agora já havia se tornado uma brisa permanente em mim. Com as experiências e práticas de contação de história sinto que em mim habita a vontade de voar e soprar em cada ser essa brisa que em mim foi soprada e permaneceu.

1.2 Os ambientes de contação de histórias, o que eles me dizem?

Foram muitos os lugares e ambientes que tive a oportunidade de contar e ouvir histórias. Lembro-me bem da primeira contação de

histórias que pude participar como contadora: foi em uma creche da rede municipal de Florianópolis. Era uma creche de porte médio, na qual adaptamos o espaço da cantina, misturado com um brechó que a instituição fazia para arrecadar fundos e muitos brinquedos. Em meio aos brinquedos tinha uma espécie de casinha que como não dava de ser removida, adaptamos e fizemos um túnel por onde as contadores/personagens saiam e davam vida a história. Ali naquele ambiente não muito favorável, adaptamos e contamos nossas lindas histórias.

Um outro ambiente que muito me marcou, emocionou e que talvez tenha me impulsionado a escolher este tema para minha pesquisa foi o de quando já estava a 1 ano contando histórias com o grupo Contarolando. Fomos convidadas a contar histórias para as crianças que estavam internadas no Hospital Infantil Joana de Gusmão. Quando soube que contaríamos naquele ambiente, fiquei paralisada e me perguntava internamente, será que vamos conseguir? Será que as crianças vão gostar? Quero levar alegria e sorrisos, será que vamos conseguir com a contação?

Segue um de meus registros, retirado do meu caderninho das experiências vividas, um tipo de diário. Nele trago resposta daquele dia, das minhas inquietudes, do momento que vivi, do que vi e senti. Do que a experiência de contar histórias me proporcionou:

“A cada dia que se passa teu caminho vai sendo iluminado por novas e enriquecedoras experiências. Hoje talvez tenha sido um dos dias mais difíceis de aprender através delas, aprender que preciso parar e refletir sobre meus atos, sobre meus pensamentos e aprender que tem alguém lá em cima só de olho em mim e me mostrando o quão sou ingrata com a vida que ele mesmo me deu. Olhar nos olhos daquelas crianças e ver o quão felizes estavam com aquele momento que estávamos proporcionando pra elas, olhar e ver que em meio a todos os aparelhos, "mangueiras" e dor, estavam ali podendo sorrir e sem reclamar, aliás estavam tão concentradas na história que não ouvíamos barulho nenhum, se não os aparelhos apitando e as enfermeiras correndo para arrumar. É difícil estar lá e saber que muitas delas estão a dias, meses e até anos ali, naquela luta diária. Saber que fizemos o dia delas começar diferente, de certa maneira me conforta. Me conforta no sentido de elas começarem o dia sorrindo, se encantando e que elas involuntariamente me fizeram pensar o valor da vida. Que Deus possa estar abençoando cada uma que perto de nós estava, que ele possa levar conforto e esperança onde já não estiver, que possa iluminar e mudar a vida delas. Que ele possa estar me orientando e que o grupo Contarolando possa estar a cada apresentação me propiciando novas

aprendizagens. Que possamos agradecer mais pela vida, pelas pessoas e pelos momentos que temos vivido.”



Fonte: Página do facebook Prefeitura de Florianópolis

O ato de ler ou contar uma história pode ser feito em qualquer ambiente, com qualquer pessoa, desde que tenhamos o entendimento de que ele é mutável, que ele pode ser transformado, que pode ser sentido das mais diversas formas, que não está ali pronto e acabado. O ambiente, muito bem definido por Reigota é:

um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relações dinâmicas e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade. (REIGOTA, 1994, p.21)

Entendendo que qualquer ambiente é mutável, pode ser transformado e discutido, considerando os registros até aqui relatados e as minhas experiências contando histórias, apresento a questão que tem me impulsionado a começar esta pesquisa, questão esta que buscarei responder ao tecer o presente trabalho de conclusão de curso: os diferentes ambientes de contação criados influenciam na forma como as crianças compreendem e experienciam as histórias?

2 O DESPERTAR DA PESQUISA

Desde o momento que comecei a pensar neste TCC imaginava uma forma diferente de fazê-lo, diferente no sentido de poder escrevê-lo de uma maneira mais aberta, mais de humanização e imaginação, do que uma norma para concluir o curso. Até porque ao longo de todo o curso fui incentivada a ser crítica, a me posicionar, a pensar. Assim, concordando com Larrosa (2009):

A formação só poderá realizar-se intempestivamente, contra o presente, inclusive contra esse eu constituído, cujas necessidades, desejos, ideias e ações não são outra coisa que o correlato de uma época indigente. A luta contra o presente é também, e sobretudo, uma luta contra o sujeito. Para ‘chegar a ser o que se é’ há que combater o que já se é. (LARROSA, 2009, p.59).

E a escrita tem sido para mim poder sair das amarras que vivem nos acorrentando e fazer das experiências poesia, música e muitas histórias. Desta forma, permito-me realizar este desejo e terminar esta etapa da minha formação um pouco diferente, transformando e deslocando-me daquilo que aprisiona. Seguindo com uma escrita em 1ª pessoa que narra o que foi esta pesquisa, como foi vista e experienciada. Desta forma, trago para a minha pesquisa o conceito de experiência muito bem colocado por Larrosa (2002) quando diz que:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. (LAROSSA, 2002, p.21)

Acreditando na contação de histórias como algo que me passa, me acontece e me toca, decidi que queria fazer algumas intervenções com a contação de histórias e através delas observar minhas inquietudes. Embora já tivesse muitas experiências de contação, não havia muitos registros escritos que eu pudesse analisar, apenas lindas lembranças coladas em meu corpo.

Pensar em como fazer as intervenções não foi fácil, muitas dúvidas e conflitos internos tomaram conta de mim. Não sabia se

poderia eu mesma fazer as contações de histórias ou iria apenas observar uma turma que tivesse um projeto de literatura e contação de histórias? Foi então que com o apoio do meu orientador e da minha coorientadora percebi que a prática habita em mim e poderia eu mesma fazê-la para as crianças.

Fui em busca de referências e de ideias de como fazer estas intervenções e acabei encontrando pelo caminho Paviani e Fontana (2009), que trazem a construção de conhecimento através de oficinas, que:

é, pois, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos. Nesse sentido, a metodologia da oficina muda o foco tradicional da aprendizagem (cognição), passando a incorporar a ação e a reflexão. Em outras palavras, numa oficina ocorrem apropriação, construção e produção de conhecimentos teóricos e práticos, de forma ativa e reflexiva. (PAVIANI e FONTANA, p. 78, 2009)

Com a ideia de fazer oficinas e direcionar meu olhar para o ambiente e para as múltiplas reações que as crianças poderiam ter, pensei em dividi-las em 3 momentos. Realizar apenas 3 também foi mais uma decisão difícil, mas ao mesmo tempo minha pesquisa tinha como foco a qualidade dos dados e as experiências trocadas. Assim, minha pesquisa é de acordo com Deslauriers (1991) uma pesquisa qualitativa pois:

Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações (DESLAURIERS, 1991, p.58).

A quantidade a ser realizada estava escolhida, mas agora outras interrogações começavam a surgir: seria uma história para cada oficina? Contaria com o auxílio de outra pessoa? O lugar seria o mesmo, apenas estruturado? E as crianças, de que faixa etária seriam?

Foram muitas as questões que surgiram para a construção da pesquisa, mas como o foco dela é o ambiente e a experiência, pensei em contar a mesma história em cada oficina, mas de maneiras distintas e com recursos diferentes tentando também proporcionar outros ambientes.

Trago outros ambientes, entendendo que ele é mutável, que possa ser construído e organizado de modo a trazer novas experiências. Assim, um outro ambiente pode surgir quando eu simplesmente transformo a sala de aula, não preciso sair dela para ali criar outro(s) ambiente(s). A sala de aula como comumente a vimos está organizada em fileiras de cadeiras e carteiras, uma mesa de professor e um quadro. Reconstruir e explorar de maneira diferente aquele espaço é possibilitar novas relações, conhecimento e experiências para com os seres que ali convivem e se relacionam.

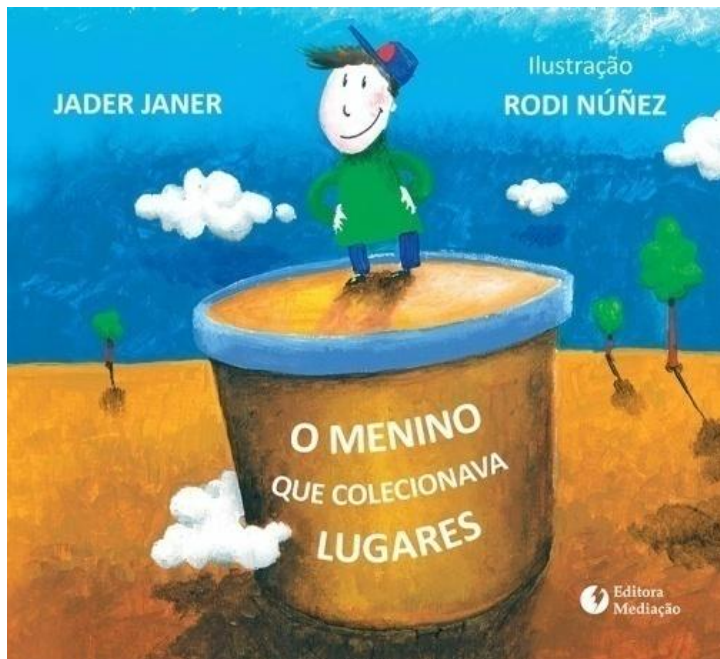
2.1 Uma história de sintonia

Agora que tínhamos a quantidade de oficinas e apenas uma história, chegou o momento da escolha desta. Queríamos uma história que eu já conhecesse e que me identificasse com ela. Pensei nas histórias que havia contado com o grupo Contarolando, mas sentia que aquelas ficaram com o grupo. Seria difícil contá-las agora sozinha, depois de muito tempo adaptada com um grupo. Pensei então nas histórias de infância, mas lembrava apenas dos contos de fadas e não era esse tipo de história que queria contar. Foi então que lembrei das histórias que tive contato na graduação, uma delas da qual na aula de Geografia, Infância e Ensino tive a oportunidade de conhecer e de contar para meus colegas de sala como proposta do professor. Aquela história me tocou de uma maneira tão linda que resolvi levá-la durante todas as minhas experiências na graduação e na pesquisa.

Na pesquisa Pibic por acaso essa era uma das histórias que iríamos contar e fazer atividades. No estágio obrigatório dos Anos iniciais também escolhemos essa história como base para nossas atividades. Na socialização do estágio, ela encaixou perfeitamente com o que havíamos vivido e aprendido durante todo o percurso de fazer-se professor.

O livro, a história e eu estávamos em plena sintonia e foi então que decidi que ela seria a base para minhas oficinas. “O menino que

coleccionava lugares”, de Jader Janer, foi a história que me acompanhou durante toda a graduação e que escolhi trazer para esse momento de pesquisa e de descoberta com as crianças.



“Ele descobriu que se lugar é gente, gente é lugar!”

2.2 Uma floresta na escola, a escola da floresta

Com a história escolhida e com o número de oficinas certo, precisava agora do meu público, das crianças e do colégio que pudessem me acolher. Foi então que descobri que na Rede Estadual de Educação o caminho para conseguir um campo de pesquisa era menos longo e que isso não iria interferir de modo algum na qualidade da minha pesquisa.

Conheci então a escola Juscelino Kubitschek, uma instituição pública de ensino situada no bairro Areias, em São José. Escola esta que recebe alunos desde o 1º ano dos anos iniciais ao 9º ano do ensino

fundamental e tem seu funcionamento nos períodos da manhã, tarde e noite. A escola recebe alunos que moram em comunidades de baixa renda e muitos estão em situações de vulnerabilidade social, mas a instituição, segundo os seus princípios, tem buscado acolher e encaminhar da melhor maneira essa crianças e famílias.

A estrutura física da escola, infelizmente, não é muito boa, muitas goteiras, buracos, insetos e roedores, uma realidade que temos observado cada vez mais presente em diversas instituições públicas. Um espaço com uma infraestrutura adequada pode contribuir para o melhor desenvolvimento científico e cultural do aluno. Conforme descrito por Dayrell (1996), o ambiente escolar deve ser:

[...] um espaço de formação ampla do aluno, que aprofunde o seu processo de humanização, aprimorando as dimensões e habilidades que fazem de cada um de nós seres humanos. O acesso ao conhecimento, às relações sociais, às experiências culturais diversas podem contribuir assim como suporte no desenvolvimento singular do aluno como sujeito sócio-cultural, e no aprimoramento de sua vida social. (DAYRELL, 1996, p.26)

Características do nosso sistema econômico e social como o abandono do poder público para com a educação, a falta de incentivo à produção cultural e a exaltação pela mão de obra rápida e barata para o mercado de trabalho, tem favorecido para que todas as outras questões e os processos que deveriam fazer parte da escola sejam esquecidos e esmagados.

Mas nem tudo está perdido, se por um lado a escola tem sido descaracterizada pelo sistema econômico e social, a natureza tem sido muito generosa com ela. No espaço da escola há uma “floresta” (local cheio de árvores, muito bonito, que as crianças adoram explorar e que carinhosamente apelidaram de floresta), a qual me foi fonte de inspiração e um dos motivos que me levou a escola da escola. Sempre passava e pensava em como aproveitar aquele ambiente não muito usado para proporcionar novas experiências.



Como se não bastasse o privilégio da floresta, quando tive o primeiro contato na escola para contar sobre minha proposta de pesquisa, fui recebida pelo cachorro mascote da escola, Redbul, um cachorro de rua carinhosamente acolhido pela escola e pelas crianças. Confesso que foi uma recepção bem calorosa, com marcas de patinhas na minha perna, fucinho querendo me identificar e latidos anunciando minha chegada. Estava neste momento cada vez mais convicta que ali era o lugar certo para minha pesquisa e para essa troca de experiências.

2.3 As crianças e a Professora, o primeiro contato

Meus primeiros contatos com a escola começaram antes mesmo do ano letivo iniciar. Nas férias, estive no colégio para conversar com a diretora e acordamos que quando o ano letivo iniciasse, a mesma iria conversar com as novas professoras e ver qual teria o interesse e a disponibilidade de me acompanhar durante a pesquisa. Quando a pesquisa e as oficinas foram pensadas não fiquei aprisionada em uma faixa etária específica, visto que as oficinas seriam desenvolvidas de forma a abarcar qualquer criança.

Quando comecei a pensar nesta pesquisa todos os pensamentos foram direcionados para que fosse uma pesquisa participante, que as crianças pudessem participar delas, queria que elas se sentissem como parte muito importante da minha pesquisa, o que de fato eram muito. Meu desejo era que elas conseguissem se sentir importantes dentro do meu trabalho e não meras expectadoras de tudo aquilo que estaria fazendo. Desta forma, Honorato (2006) consegue explicar o que é esta pesquisa com crianças para mim:

Pesquisar com crianças é uma forma significativa de produção de conhecimento acerca da infância e seus diversos modos de ser e agir em diferentes tempos-espacos. [...] uma pesquisa que propõe a criação de espaços de narrativa entre crianças com a participação do adulto-pesquisador, precisa partir do pressuposto de que a criança é sujeito em interação com o meio, sujeito que se apropria da realidade em que está imerso, mas também contribui com seu olhar e sua forma para o entendimento desta realidade. (HONORATO, 2006, p.2 e 12).

Esse anseio de não estar lá apenas contando história, observando e voltando para minha casa para escrever a pesquisa, foi o que me impulsionou a ter tanta inspiração. Queria e esperava estar lá naqueles ambientes, com aquelas crianças, compartilhando ideias, contando história, mas também queria ouvir e sentir muitas. O ano letivo começou e o coração já estava batendo mais forte, a vontade de conhecer as crianças, a professora, de conhecer suas histórias, de saber quem eram, de como era a sala e de como iriam me receber. Eram tantos sentimentos juntos que parecia que eu nunca tive anteriormente contato com criança ou escola nenhuma.

A turma que me acolheu já nas primeiras semanas de aula foi uma turma do 3º ano do período matutino, composta por 32 crianças, com idades que variam de 8 a 9 anos de idade. A professora, que carinhosamente foi apelidada pela crianças de Ju, logo que soube da minha pesquisa se propôs a me auxiliar e dispor de alguns momentos das suas aulas para que eu pudesse fazer as contações e as atividades. Foi muito confortável e deu até um alívio ser tão bem recebida naquele espaço. Mais detalhes de como foi o primeiro encontro com as crianças trarei no decorrer deste trabalho.

2.4 O planejamento de muitos aprendizados

Com todos os detalhes burocráticos definidos é chegado o momento de planejar cada dia com as crianças. Peguei um lápis, abri meu caderno e comecei meus primeiros rabiscos. Conversei com meu orientador e minha coorientadora e parti então para a construção real das oficinas.

Embora eu já tivesse tudo planejado na minha cabeça e muitas ideias, o planejamento físico e escrito se fez necessário. Mas meu planejamento não foi algo engessado ou que não pudesse ser todo refeito conforme a necessidade da escola, das crianças ou por necessidades minhas como ser humano e pesquisadora. Gosto de trazer para exemplificar minha ideia de planejamento as palavras de Ostetto (2000, p. 199) quando diz que: “O planejamento não é ponto de chegada, mas ponto de partida ou “portos de passagens”, permitindo ir mais e mais além, no ritmo da relação que se construir com o grupo de crianças”.

Inspirada nas histórias que contei com o grupo cênico literário Contarolando e nas experiências de Bolsa Pibic, queria trazer elementos que pudessem aguçar todos os sentidos das crianças. Assim havia pensado em trazer um Globo terrestre, um mapa mundi, um chinelo com imagens de lugares colados neles, saquinhos com terra/folhas/papéis/aromas e temperos. A ideia era que dentro da lata coubesse um pouquinho de cada ambiente por onde o menino ou eu pesquisadora passamos, ficamos, revivemos, partimos e descobrimos.

Com a ideia da floresta e da sala de aula queria que ali pudesse haver uma combinação. Lembrei-me do livro “Uma clareira no bosque”, da Gilka Girardello, e me inspirei mais ainda para que uma das contações na floresta pudesse acontecer. Lembrei-me então que ali um belo varal poderia ser construído. Coloquei no planejamento e conforme as oficinas foram acontecendo fui me inspirando para que o varal pudesse ser uma oficina com participação totalmente ativa das crianças.

Se o planejamento deu certo, só saberemos no desenrolar desta pesquisa e nos registros que foram feitos. Mas uma coisa posso adiantar, o ato de planejar também me proporcionou estar em outros lugares, em outros ambientes, me transportou para outras experiências que foram significativas e que gostaria de compartilhar com as crianças e com o leitor. Segue abaixo o roteiro do planejamento das oficinas:

Planejamento Oficinas

Dia 10 de Março - Apresentação do Projeto

- ✓ Apresentação da pesquisa para as crianças, conversa sobre contação de histórias (perguntar o que as crianças acham, se ouvem muitas histórias, em que lugares gostam de ouvir ou de ler uma história)
- ✓ Entrega do TCLE e termos para os pais.
- ✓ Conversar que nas próximas sexta-feiras iremos nos encontrar para ouvir e sentir uma história.
- ✓ Pedir que as crianças guardem latas de Nescau, leite ninho, mucilon.

Dia 17 de Março - 1ª oficina

- ✓ Perguntar como as crianças estão, que história elas imaginam que seja, como acham que será a história.
- ✓ Fazer uma sessão de “relaxamento”, levar músicas calmas, nos transportar para outro lugar.
- ✓ Fazer uma roda na sala, contar a história com apoio de alguns objetos presentes na história, buscando trazer elementos que agucem todos os 5 sentidos.
- ✓ Perguntar para as crianças o que acharam da história e se possuem alguma coleção, assim como o menino da história possui a sua.
- ✓ Encerrar com uma brincadeira de gratidão entre os colegas.

Dia 24 de Março - 2ª oficina

- ✓ Perguntar como foi à semana das crianças, da professora, do colégio, como estão se sentindo.
- ✓ Fazer uma sessão de “relaxamento”, levar músicas calmas, nos transportar para outro lugar.
- ✓ Produção de uma lata pra cada criança, para que assim possam guardar suas coleções.
- ✓ Compartilhar as coleções e as histórias das suas coleções.

- ✓ Para encerrar, contar novamente a história em roda, no chão com tapetes, sem outros elementos da história.

Dia 31 de Março- 3ª oficina

- ✓ Perguntar como foi a semana das crianças, da professora e do colégio.
- ✓ Fazer uma sessão de relaxamento, levar músicas calmas.
- ✓ Fazer o varal das histórias com o auxílio das crianças na floresta.
- ✓ Contarmos juntos a história e perceber como ela ficou construída agora por eles.
- ✓ Fazer um pic nic embaixo das árvores.
- ✓ Deixar as crianças se expressarem como quiserem.
- ✓ Ao final retornaremos para a sala e faremos a despedida e os agradecimentos.

2.5 Registrando o vivido

Durante as oficinas fui desenvolvendo meus registros que serviram como base para análise desta pesquisa. Os registros foram feitos com a ordem cronológica dos acontecimentos, mas também foram construídos através das minhas impressões, do que senti, do que ouvi e do que observei.

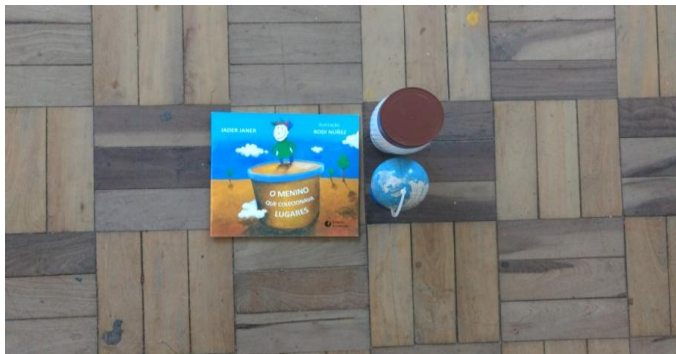
A importância de registrar é definida por Ostetto *et al.* (2001) como:

[...] fazer história, tecer memória. É ouvir, ver e marcar o cotidiano educativo, narrando o movimento do grupo, construindo sentidos e significados. A prática do registro permite ao educador o exercício e o resgate da sua emoção, do seu desejo, da sua sensibilidade, do seu compromisso, da sua competência (OSTETTO *et al.*, 2001, contracapa).

Os registros foram produzidos através de um diário feito por mim durante todas as oficinas. O construí desde o dia em que fui conhecer o colégio e me apresentar às crianças, até o último dia de

oficina. Nele, estão contidos muito mais que a transcrição do que aconteceu, já que nele há também algumas impressões, sentimentos e transformações que me causaram. Nas palavras de MEDRADO, SPYNK E MÉLLO (2014, p.278) “o diário consegue fundir as palavras e as coisa, à medida que as acolhe em suas páginas. E cada vez que tais páginas são abertas, abrem-se fluxos de possibilidades de comentários; abrem-se para o inédito.”

3 AS OFICINAS, SAINDO DO PAPEL PARA O CORAÇÃO



3.1 O primeiro dia no colégio

Os pelinhos do braço se arrepiaram, a barriga começou a fazer barulhinhos e o coração palpitava acelerado. Era chegado o dia em que iria conhecer as crianças e professoras que tanto iriam contribuir para minha pesquisa e para minha formação, humana e profissional. Falo aqui em relação humana porque todo aprendizado acredito ser uma experiência que transforma, que faz pensar e sentir mundos e realidades diferentes.

Acordei bem antes do “tuc tuc” do despertador começar a apitar. Levantei, vesti-me do melhor sorriso e do melhores pensamentos e fui até a escola. Cheguei lá na hora do lanche, escutava burburinhos de um lado, conversas sobre a novela que tá na moda de outro, muitas risadas e movimentação calorosa. Esperei a professora terminar seu lanche e fomos apresentadas uma a outra. Conheci então a Profª Ju, uma senhorinha de meia idade que já tinha bastante tempo de experiência com crianças e no colégio. Fui recebida tão carinhosamente com um abraço sincero e com muita vontade de me ter presente na sala com as crianças.

Depois de conversarmos um pouco chegou o momento de encontrar as crianças e conhecê-las. Fomos a caminho da sala e a ansiedade de ver os rostos de quem estava a me aguardar tomava conta de mim. Cheguei na sala, muitos olhos arregalados de curiosidade, muitas conversas bem baixinhas quase sopradas sem som se perguntavam quem era essa moça nova ali na sala.

A reação da novidade foi acalmando-se aos poucos e agora começavam as perguntas:

- “Ô moça, tu vai ser nossa estagiária?”
- “Ô menina sabia que eu tenho uma prima que se parece contigo?”
- “Moçá, tu vai fazer o que com a gente?”.
- “Ei tu vai ficar muito tempo com a gente?”

Eram tantas as perguntas que fui tentando responder com calma e responder todas. Depois de respondê-las pude então me apresentar e contar quem eu era, da onde estava vindo, o que iria fazer ali e o porque estava ali.

Contei que eu estava estudando para ser como a Professora Ju, para dar aula para crianças, que estava ali porque quando a gente estuda

temos muitas vezes que fazer trabalhos bem grandes, que o meu trabalho se chamava TCC, que eu precisava fazer uma pesquisa e a minha pesquisa era sobre contação de histórias.

Uma criança então perguntou:

- “Professora, porque tu escolheu a gente?”

Respondi então que eu gostava muito da escola e que a diretora Nice me contou que eles adoram receber estagiários e então queria muito conhecê-los. Eles deram alguns sorrisos e então alguém disse:

- “Teu trabalho deve ser bem importante né Professora?”

Respondi que sim e que eles também eram muito importantes para o meu trabalho, que eles iriam contribuir e me ajudar muito.

Carinhosamente responderam:

- “Claro que a gente vai te ajudar professora.”

Soltei um sorriso carregado de muito afeto e meus olhos se encheram de lágrimas. Respirei e continuei.

Como já estava pensando em como seriam mais ou menos as oficinas, ousei em perguntar qual era o local do colégio em que mais gostavam. Foi quase opinião unânime que a Floresta era o local que mais gostavam da escola. Perguntei também se gostavam de ouvir histórias e que tipos de história gostavam. Alguns de poesia, outros de contos de fadas, mas a maioria gostava de contos de terror, daqueles que ouvíamos em tempo de escola, da menina do espelho, da Maria sangrenta e outros. De início aquilo me causou certo impacto, mas aos poucos pude entender que o hábito da contação de histórias não estava tão presente ali e que estas histórias também fazem parte daquele realidade.

Meu primeiro contato com as crianças foi surpreendente, cheguei em casa lembrando daqueles rostos, da euforia de ter uma nova pessoa na sala, da felicidade de quando contei que iria contar história. Foi um momento muito alegre e que já deu de perceber que a turma era bastante volumosa e bem participativa.

3.2 A primeira oficina – O improviso da realidade

Se no diário anterior o coração estava palpitando forte, desta vez acho que ele estava quase querendo sair de dentro de mim. A ansiedade de ver os resultados, a insegurança da primeira contação

sozinha, a expectativa das reações, era um misto de sensações boas e novas. Confesso que não dormi direito, ficava pensando em tudo que poderia acontecer.

Cheguei na escola, agora no horário que inicialmente foi proposto, antes do intervalo do recreio. Entrei na sala recebendo já abraços e sorrisos, palavras de carinho e olhares curiosos de conhecer o que estava por vir. Cumprimentei a turma, e a professora.

Comecei a oficina perguntando como estavam se sentindo, como tinha sido a semana a deles. Alguns respondiam que estavam cansados, outros que estavam felizes, uns que queriam brincar um pouco mais e uma criança que com toda sinceridade exclamou:

- “Eu não aguento mais ficar aqui sentada Prof!”

Falei então que começaríamos nossas oficinas (sempre me referia a nossas oficinas, porque a pesquisa era minha, mas as oficinas eram de todos nós. As crianças assim se sentiam mais pertencentes à pesquisa) com uma música, mas que para isso, precisava que eles tentassem ficar em silêncio com os olhos fechados. Os olhos inicialmente não ficaram bem fechadinhos e algumas risadas escapavam.

Liguei o som e a trilha sonora eram músicas com sons diversos, uma música de relaxamento com sons da natureza (chuva, rios, pássaros, vento, árvores e outros), outra com sons de carros, de movimento, de passagem e o silêncio também fazia parte do repertório. Pedi então que se imaginassem num lugar que gostariam de estar, de como ele era, se ele tinha algum cheirinho, algum gosto bom ou ruim, se era seco ou molhado.

Foi um momento diria de aproximação, as crianças estavam bem concentradas em se encontrar em algum lugar, por pouco tempo, mas estavam nas casas dos avós, outros na praça do bairro, uns permaneciam na escola. Abrimos os olhos e nos olhamos com bastante intensidade.

Após esse movimento, solicitei que ficássemos em pé e agora com músicas de relaxamento iríamos nos alongar. De início uns ficaram bem resistentes, diziam que não iam fazer, respeitei o momento deles. Esticamos os braços, as pernas, balançamos a cabeça, mexemos a língua (muita risada), bocejamos, jogamos a preguiça e o cansaço para o alto. Quando terminou a música e os alongamentos uma menina veio do meu lado e disse:

- “Professora eu estava muito precisando disso, tava com vontade de dormir aqui na sala até agora”.

Respondi que havia ficado feliz por ela ter conseguido ficar bem e que juntas iríamos fazer uma manhã bem feliz.

Terminamos os alongamentos e cada um sentou na sua respectiva cadeira. O sinal tocou, não dei bola até porque a aula ia até o recreio, o próximo sinal. Quando comecei a conversar e tirei o livro da minha bolsa alguém bate na porta, me olha assustado e chama a professora Ju. Era o professor de Educação Física, o horário das aulas havia mudado e agora eu já não tinha mais tempo com eles. O professor generosamente me cedeu 20 minutos da sua aula para que eu pudesse contar a história. Na minha cabeça os pensamentos de fracasso e de tristeza começavam a tomar conta. Havia planejado uma reorganização da sala com as crianças, iria passar alguns objetos da história para as crianças, iríamos ficar bem próximos. Agora com o pouco tempo tive que ficar em pé, na postura de professor aluno e contar a história. Mudei um pouco o tom de voz, fiz caras e bocas e então os pensamentos de insatisfação começaram a sumir. As crianças estavam bem atentas, queriam saber o que tinha dentro do pote do menino, alguns no meio da história diziam:

- “Eu também tenho uma coleção! Uma coleção de moedas.”

As crianças interagiram o tempo todo comigo e com a história que ali era novidade e que o menino estava contando. Terminei a contação com o livro bem na hora que o professor viera chamar a turma. Agradei a participação e disse que voltaria na próxima semana.

Confesso que fiquei um pouco frustrada num primeiro instante, poxa vida tinha preparado tudo com tanto carinho e com tanta preocupação. Refleti bastante e pronto já estava feliz e satisfeita de novo. A vida é assim, cheia de encontros, desencontros, ensaios, improvisos e na escola não poderia ser diferente.

3.3 Segunda oficina – A coleção de sorrisos

Depois dos contratempos do novo horário do colégio é chegado o momento de ir para a segunda oficina, agora no horário certo e esperando que não tenha mais mudanças. Preparei os materiais da oficina, guardei-os, vesti-me do meu melhor sorriso e fui até a escola.

Cheguei mais cedo que as crianças, entrei na sala e fiz uma desconstrução da mesma. Arrastei as carteiras para os lados, deixei o centro da sala livre, o bastante para que as crianças pudessem usar aquele ambiente da melhor forma possível. Ambiente transformado, coloquei no centro daquele vazio o livro, uma lata e um globo terrestre. Deixe-os ali até o momento que as crianças chegassem.

O sinal tocou e as crianças começaram a entrar. A primeira criança que abriu a porta já começou a fazer fila. Parou, olhou com um olhar de muita surpresa e disse:

- “Que sala é essa?”

Logo a criança que estava atrás exclamou:

- “Professora o que tu fez com a nossa sala? Essa não é a sala que a gente veio ontem!”

Sorri e carinhosamente já fui receber as outras crianças que também paravam e observavam. Não conseguia escutar muito o que diziam, eram conversas bem baixinhas, como se fosse proibido falar o que estavam pensando. Senti que os alunos que chegavam se sentiam um pouco perdidos, do que fazer, de onde sentar, de como se sentar, do que falar. Conversei então que hoje iríamos fazer nossa oficina ali, sentados, deitados, encostados no chão da sala, da maneira que fosse mais confortável para cada um. Alguns sorriram e agradeceram, outros se sentiram meio constrangidos, mas aos poucos foram se soltando. Uns tiraram os sapatos, se deitaram e ficavam observando a movimentação. Algumas crianças não quiseram ficar ali, ficaram inicialmente sentadas nas cadeiras, respeitei a decisão.

Antes mesmo de eu começar a oficina, a professora Ju me avisou que eu teria que ficar sozinha com as crianças porque alguns professores das outras turmas estavam ausentes e ela teria que assumir as atividades. Fiquei surpresa e um pouquinho preocupada. Respirei fundo e sabia que daria o meu melhor e que iria ser uma linda oficina.

Fiz o mesmo exercício da oficina passada, coloquei uma música com alguns sons distintos e na posição em que cada um se encontrava, fechavam os olhos e se imaginavam nos lugares que gostariam de estar ou que gostavam muito. Desta vez o exercício deu um pouco mais certo, as crianças conseguiram fazer o exercício e se manter nele por mais tempo. Perguntei de como estavam se sentindo, do que viveram durante a semana e no fim perguntei se eles queriam ouvir novamente a história da semana passada. Quase que unânime foram os SIM! Fiquei ainda mais feliz e inspirada para continuar as oficinas.

Encontrávamos em círculo e hoje comecei a contar a história com o apoio do livro, mais devagar e mais aberta a indagações. Uma pergunta curiosa e muito sensível surgiu na parte da história em que o menino se afasta e coloca uma montanha no meio da sua mão e guarda dentro pote. Uma criança ali no meio da história me pergunta:

- “Professora como ele consegue isso? Como consegue guardar tantas coisas assim e grandes?”

Eu respondi: - “Olha, a gente pode imaginar muitas coisas e na nossa cabeça guardar coisas grandes e pequenas.”

A criança ficou um tempo em silêncio e respondeu:

- “É verdade né Prof, se a gente arrumar bem direitinho cabe tanta coisa na cabeça e na lata né!”

Fiquei surpresa com a resposta, abri um sorriso bem grande e agora o coração estava mais pulsante para continuar a história.

Terminei a história e deixei as crianças relatarem, fazerem silêncio, se expressassem da forma que achassem mais confortável. Estavam ainda tímidos e foram poucos os que falaram. Apenas surgiam: “Eu gostei Prof”, “Muito legal né Prof”.

Após esse momento, levei alguns potes plásticos, o suficiente para que cada um pudesse ter o seu. Levei tecidos, papéis diversos, colas coloridas, lantejoulas, miçangas e diversos elementos para que eles pudessem usar. A proposta foi que pudessem confeccionar as suas próprias latas de coleções. As crianças ficaram eufóricas e aceitaram muito bem a ideia. Sentados no chão da sala e em pequenos grupos compartilharam os materiais e mãos a obra.

Eram muitas falas vindas ao mesmo tempo nesse momento de confecção:

- “Professora que bom que tu fez isso, agora posso colecionar coisas igual o menino!”

- “Adorei, meus batons agora podem ser guardados aqui” – disse uma das meninas.

- “Professora, tu vai ficar mais tempo com a gente aqui né?”

- “Posso mesmo levar para casa esse presente? Acho que minha mãe vai gostar de saber que posso ter uma coleção”

Como não levei gravador, infelizmente perdi muitas falas, mas a sensação de estar ali com toda aquela euforia e alegria não têm nada que substitua. Ao final cada criança saiu com sua lata personalizada e com muitos sorrisos sinceros estampados no rosto.

3.4 Terceira oficina – Um varal de sentimentos

É chegada a última oficina, o dia de dar tchau e agradecer por toda colaboração e disposição. Nesse momento, o coração já está mais calmo por estar mais segura com as crianças, mas ao mesmo tempo um pedacinho de mim iria ficar ali com eles.

Como todas as outras oficinas, acordei cedinho, preparei os materiais e com um sorriso no rosto parti para o colégio. No caminho mil pensamentos passavam pela cabeça, será que as crianças estavam gostando mesmo desses momentos? Será que pude fazer diferença naquele lugar ali, naquelas crianças? Será que iriam gostar da última oficina? Será que meu objetivo foi alcançado? Será que aqueles 32 coraçõezinhos estavam felizes com os momentos que eu estava proporcionando?

Acalmei o coração e ao chegar no colégio já fui recebida pelas crianças antes mesmo de entrar na sala. Foram tantos abraços, tantos “Que bom que tu veio Prof”, me senti mais calma e um pouco mais segura para esta última etapa da minha pesquisa com eles. Chegamos na sala, as crianças sentaram, conversamos um pouco, perguntei como estavam, como havia sido a semana, como estavam se sentindo com esse último encontro e se imaginavam onde seria nossa última oficina. De longe uma fala me chamou atenção:

- “Espero que seja na floresta né Prof, com esse solzinho é ainda melhor”

Sorri e respondi que realmente iríamos para a floresta. As crianças saíram das cadeiras, vibraram e pularam de alegria. Vibrei junto e nos encaminhamos para a floresta. Em fila e com o apoio de duas estagiárias de Pedagogia de outra Instituição que neste dia estavam fazendo observação fomos até a floresta.

Chegando lá as crianças se deparam com muitos pedaços de tecido estendidos no muro da escola.



Uma criança veio até minha direção antes mesmo de eu contar o que iria acontecer ali e perguntou:

- “Quero só ver como tu vai contar a história desse menino aqui na floresta Prof!”

Com essa pergunta não sabia se ficava feliz ou triste, afinal hoje a história seria preparada por mim, organizada e contada por eles. Mas seguimos, sentamos um pouco ali na floresta e expliquei que hoje seria um pouco diferente, como já havíamos contado a história 2 vezes na sala, desta vez eles iriam me ajudar a contar a história. Mostrei o tecido e vimos que ali continha partes da história, expliquei que cada um iria escolher uma parte da história e juntos iríamos montar e contar ela. As crianças ficaram bem felizes e se sentiram bem presentes no meu trabalho.

Cada um se levantou, foi até os pedaços de tecido e escolheu sua parte. Juntos fomos montando e vendo se faria sentido e se era daquela maneira que queríamos que ela fosse. No varal que estendi entre as árvores, a história começou a ser montada. Foram muitas gargalhadas no decorrer da construção dela, conforme ela ia ficando pronta as crianças se aproximavam e liam tudo de novo para ver se era assim que queriam que ficasse.

Ao final todos se aproximaram do varal e foram acertando os últimos detalhes, entre eles escolhiam a forma que a história deveria ser montada e contada. Quando tudo estava pronto, fizemos então uma contação coletiva, todos ao mesmo tempo foram contando a história. Nesse momento já havia entre nós alguns profissionais do colégio que ficaram curiosos com a movimentação e com as vozes das crianças lendo e contando a história.

Embora as frases que estavam no tecido haviam saído da própria história (O menino que colecionava lugares), o formato final ficou um pouco diferente para quem já conhece a história, mas muito significativa para eles que estavam montando. Segue então a história formada por eles:

“O menino que colecionava lugares.

Ele era um menino que adorava passear;

Ele tinha medo de uma coisa;

De esquecer como eram os lugares;

O que ninguém sabia é que na lata ele guardava seu segredo;

Ele guardava os lugares, tinha uma coleção de lugares na lata;

E não eram só coisas pequenas, ele gostava de guardar coisas grandes também, tipo montanhas, rios, avenidas e até construções..

Era só chegar no lugar e plact, pegava algo e punha na lata;

Era só abrir a tampa e estava tudo ali dentro;

Mas ele tinha uma grande preocupação;

Como será que ficavam os lugares, depois que ele tirava e guardava as coisas?

Coisas de todos os lugares por onde havia ido, colados nos seus pés...

Assim sua lata estava sempre cheia de muitos lugares.

Ele já estudava, tinha aula de geografia e até um atlas..

Ele tinha um segredo que não contava para ninguém..

E para sua surpresa, não esqueceu! Lembrou de tudo.

O que adiantava era sua velha lata que sua avó deu.

Mas nada adiantava, o medo permanecia!

Um dia ele decidiu que deveria abrir a lata e devolver as coisas para seus lugares.

Ele tinha um jeito especial de guardar, um jeito só dele.

Seus pés tinham diferentes lugares colados nele.

As vezes esperava algo refletir no lago e plact, colocava dentro da lata;

Toda vez que ele ia a algum lugar levava a sua lata junto.

Ninguém entendia, diziam que era coisa de criança. Que criança tem cada uma. Ele compreendeu que os lugares ficam guardados dentro da gente. E lugar é gente. Gente é lugar!”.

Depois desse momento de construção, de contação e de leitura, as crianças começaram a trazer suas impressões espontaneamente. Seguem algumas falas:

- “Professora eu adorei, adorei poder contar a história também. Estou me sentindo gente grande”

- “A prof, que pena que só agora viemos na floresta, queria ter vindo mais”

- “A gente contou direitinho prof?”

- “Professora é tão bom poder sair da sala né? Queria que tu viesse mais vezes aqui.?”

- “Queria que esse lugar aqui ficasse colado no meu corpo também.”

Após esse momento de conversa e de relatos, estendemos algumas toalhas no chão, levei algumas frutas que eles haviam me dito que gostavam (maçã, manga, uva, banana, melão e mamão) e juntos sentados ali no meio da floresta fizemos um delicioso piquenique. Conversamos sobre assuntos aleatórios e demos muitas risadas.

Ficamos por mais alguns instantes ali para que pudessem brincar um pouco. As criança gentilmente me agradeceram e nos encaminhamos de volta para sala. Recebi muitos abraços e também muitos pedidos para voltar e contar outra história para eles.

4 REFLETINDO O PERCURSO E O AMBIENTE

As minhas inquietações perante a contação de histórias foram surgindo ao longo de todas as experiências já relatadas aqui neste trabalho. Já a inquietação do ambiente como possibilitador de novos aprendizados e novas experiências foi surgindo ao longo do meu contadado e do amadurecimento das ideias com o auxílio dos estudos teóricos. Porém, existem situações que só a experiência é capaz de nos trazer respostas e assim foi com esta minha pesquisa. Por mais que eu tenha estudado e vivenciado múltiplas contações, estas as quais trago aqui foram únicas e me dispararam novas inquietações.

Trago para reflexão neste capítulo, um pouco do que não analisei nos meus diários e um pouco do que quero aqui discutir. Não trago como verdades absolutas ou questões irrefutáveis, mas sim para que possamos refletir e disparar novas reflexões.

A pesquisa desde o princípio tinha as crianças como participantes ativas durante todo o processo e assim foi concretizado. Nas conversas com as crianças e na liberdade que eles tinham de se expressar, percebi que tinha dado certo e que a pesquisa tinha sido construída por muitas mãos e não apenas duas. As crianças me ajudaram a pensar as formas de contar a história, a maneira que eu devia tratá-las, e a forma de como gostavam de ser percebidas perante o mundo.

Contar histórias com as mesmas crianças, na mesma turma e na mesma escola, foi com certeza um aprendizado muito rico. Poder estar envolta daqueles olhares atentos e ao mesmo tempo curiosos, não há título nenhum que pague. Poder contar as histórias na realidade nua e crua da qual encontramos a sala de aula foi uma das coisas que mais me marcou. E foi de fato também, o que realmente queria sentir e viver.

O cotidiano da escola está sempre em movimento, o dia a dia dentro de uma escola não existe nos papéis oficiais, até porque felizmente é dentro dela que a diversidade cultural está mais presente, que as multiplicidades se encontram e juntas renovam, exploram, transformam e aprendem. Neste sentido, concordando com Alves (2003):

Os trabalhos que se preocupam com o cotidiano da escola e com os diferentes modos culturais aí presentes partem, então, da ideia de que é neste processo que aprendemos e ensinamos a ler, a escrever, a contar, a colocar questões ao mundo que nos cerca, à natureza,

à maneira como homens/mulheres se relacionam entre si e com ela, a poetizar a vida, a amar o outro. (ALVES, 2003, p.66)

A escola é movimento e nesse movimento, entendi que mesmo que tenhamos planos A, B e Z, imprevistos acontecem e que neles novos movimentos de aprendizado sugem. A situação que descrevo na minha primeira oficina, que foi um dos primeiros imprevistos a acontecer, salienta bem o que é estar na sala de aula e na escola, um lugar de movimento constante:

“Quando comecei a conversar e tirei o livro da minha bolsa alguém bate na porta, me olha assustado e chama a professora Ju. Era o professor de Educação Física, o horário das aulas havia mudado e agora eu já não tinha mais tempo com eles. O professor generosamente me cedeu 20 minutos da sua aula para que eu pudesse contar a história.”

A realidade das salas de aula não é a de um movimento contínuo, não existe uma rotina permanentemente fixa. Embora minha pesquisa já estivesse articulada e combinada com professores e direção, a escola estava se movimentando, novas demandas foram necessárias e eu tive felizmente que me adaptar a elas.

Até surgir a necessidade do imprevisto, jamais pensei que ele pudesse estar presente aqui na minha pesquisa. Com essas situações de imprevisto e ajustar-se ao novo e necessário, também me permitiram novas reflexões sobre o ambiente e sobre a contação de histórias.

“Agora com o pouco tempo tive que ficar em pé, na postura de professora aluno e contar a história, mudei um pouco o tom de voz, fiz caras e bocas e então os pensamentos de insatisfação começaram a sumir.”

Inicialmente ter que mudar a postura e o modo como conduziria aquela oficina me deixou de certa forma insatisfeita. Imagina ter que mudar tudo aquilo que eu havia planejado e ter que contar a história em pé, na frente das crianças, apenas com o livro e de uma maneira que

inicialmente considerava tradicional e antiquado, era muito azar para minha pesquisa.



Refleti, acalmei o coração e percebi depois de ler novamente os registros, de fazer novas leituras do que aconteceu e de procurar leituras específicas, que ali estava uma oportunidade única e que eu não havia pensado em colocá-la na minha pesquisa. Trazer o que já se é usado, e que agora entendo que não é ruim, mas sim o que muitas vezes se tem disponível. Percebi, com a reação das crianças que aquele ambiente ali configurado originalmente, também pode trazer novos aprendizados e também pode ser muito influenciador. Entendi, através das reações, que aquele ambiente que eu considerava passivo para contar uma história, se tornou mais participativo do que eu imaginava.

“As crianças estavam bem atentas, queriam saber o que tinha dentro do pote do menino, alguns no meio da história diziam: - Eu também tenho uma coleção! Uma coleção de moedas. As crianças interagiram o tempo todo comigo e com a história que ali era novidade e que o menino estava contando...”

Buscando entender um pouco mais de como estar lá na frente, contando em pé tenha dado certo, encontro novamente Girardello (2007), quando diz que:

Mesmo quando só uma pessoa fala, a narração oral é sempre uma forma dialógica, ainda mais do que na literatura, campo onde já está bem estabelecido que o leitor nunca é passivo. Durante a narração, a troca não ocorre apenas no plano da linguagem, mas também através do ar: pelo sopro compartilhado em que vibra a voz de quem fala no ouvido de quem escuta, pelo calor físico gerado pelos gestos de quem conta e de quem reage, pela vibração motriz involuntária – arrepios, suspiros, sustos – causada pelas emoções que a história desencadeia. Chegaremos ao plano da *conspiração*, onde poderemos entender a partilha narrativa como “um respirar junto” cuja intimidade irrepetível gera uma forma muito particular de confiança. (GIRARDELLO, 2007, p.02)

Embora agora concorde com Girardello (2007), parti para a segunda oficina, também naquele mesmo ambiente, mas agora com ele modificado, com as cadeiras e carteiras organizadas de outro modo. Assim, o chão ficou livre e o livro estava lá novamente, pronto para ser contado.

As reações com aquele ambiente reorganizado e preparado para novas apropriações foi o que me inspirou para continuar escrevendo esta pesquisa e trazer para o leitor um pouco do que eu também senti.



Com esta última imagem percebi que o ambiente que ali transformei trouxe impactos já no início, quando as crianças começaram a chegar na porta:

“Criança 01: Que sala é essa?”

“Criança 02- Professora o que tu fez com a nossa sala? Essa não é a sala que a gente veio ontem!”

Esse ambiente que sempre esteve ali do mesmo jeito, agora acaba por se transformar e propiciar novas oportunidades. Ficou claro que ele nunca havia sido transformado, pelo menos não com aquela turma. A mesma história sendo contada mais uma vez, foi motivo para novas indagações por parte das crianças com o novo ambiente que ali foi construído.

Agora podiam se sentar, deitar, rolar, ficar de cabeça para baixo, de perna para cima e eu contadora, me sentei junto deles. E esse movimento de me colocar junto das crianças é muito bem colocado por Etchbarne (1991) *apud* Girardello (2007):

Ao sentar-se, [a narradora] dá aos ouvintes uma sensação de entrega (...) como se a partir daquele instante o relógio parasse, os problemas pessoais desaparecessem, o mundo exterior não mais existisse. Só a voz humana desenhando no ar o movimento quase ritual do conto, ao passe de mágica do “Era uma vez...”(...) Convém que os alunos saiam de seus bancos, para romper a estrutura escolar de rotina. É muito importante que estejam cômodos, felizes, livres de restrições, a fim de que se produza a *entrega* que estamos tacitamente lhes solicitando. (ETCHEBARNE,1991 *apud* GIRARDELLO, 2007,p. 47)

O movimento de ficar próxima a eles também permitiu um maior aconchego e uma postura mais dinâmica frente ao que estava acontecendo. Entendi que as crianças não tinham muito o hábito de mudar de ambiente, de mudar sequer a posição de sentar. A posição da escola como uma reprodutora de um futuro ambiente de trabalho está empregada em toda a sociedade. Por mais que a professora da sala tenha muita boa vontade de fazer algo novo e diferente, por vezes vem o currículo engessado e diz o que tem que ser feito estritamente tal qual está no documento.

Narrar e contar histórias deveria e poderia ser uma prática frequente nas escolas e nos ambientes educativos. Pois, como lindamente é trazido por Chagas (2007):

Assim, no contato com as histórias, as crianças puderam desenvolver as suas fantasias, imaginando os acontecimentos, criando e combinando as imagens com os elementos da realidade, extraídos de suas experiências e reelaborando-as em sua imaginação. Também, sonhando com um mundo de faz-de-conta, identificando-se com as personagens, amando-as ou odiando-as, vivendo conflitos, aventuras, experiências diversas, desejos e soluções. As

palavras possibilitaram voar, saltar, visitar mundos inexistentes, elas foram pontes de arcos-íris que ligavam coisas eternamente separadas. (CHAGAS, 2007, p.226)

A contação de histórias por si só, já é motivo de grandes transportações para o mundo imaginário, de ir para lugares que gostaríamos de estar, de reviver, de sentir e de lembrar. Em todas as oficinas, fiz o movimento de fecharmos os olhos, de ouvir alguns sons, de ouvir o próprio silêncio que muitas vezes também tem coisas lindas a nos dizer e, nesse momento percebemos juntos (eu e as crianças) que esse movimento também nos levava a outros ambientes.

Percebemos juntos que mesmo estando em um ambiente físico, neste caso a escola e a sala de aula, os estímulos nos levaram a vários outros ambientes que naquele momento não eram físicos, mas tinham cheiros, sentimentos, sabores e lembranças. Os ambientes desta pesquisa foram construídos, lembrados, sentidos e são frutos de lindas histórias.

Acredito também que os ambientes externos favoreçam esse contato com as histórias. No caso da minha pesquisa fomos até a floresta, lugar este que as crianças adoram frequentar quando estão esperando o sinal para entrar no colégio. Aquele ambiente ali tão querido pelas crianças, só é usado nos 15 minutos antes do “trililim” do sinal tocar.

Levar as crianças até lá, montar e contar a história junto com elas, foi o ambiente ideal para terminar minha pesquisa. Minhas expectativas se concretizaram, as crianças ficaram ainda mais entusiasmadas para poder continuar com o menino que colecionava lugares. A proposta deu muito certo, senti uma sensação de carinho, de gratidão por aquele ambiente que construí junto delas e para elas.

Trago como fechamento da minha análise a frase de uma das crianças que marcou este último dia:

“Queria que esse lugar aqui ficasse colado no meu corpo também.”

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como todo esse trabalho foi escrito de uma forma diferente e muito do que vivi e aprendi. Trago nas considerações a minha história tecida de memórias e muitos sentimentos.

Era uma pesquisadora muito engraçada, sonhava acordada e vivia encantada;

Contava histórias, inventava coisas e adorava a criançada;

Certa vez ficou sabendo que o ambiente podia ser transformado, assim como seus sonhos.

Sonhou acordada, ficou encantada e preparou lindas histórias para serem contadas;

Encontrou mais duas pessoas muito engraçadas, que sonharam com ela e construíram uma nova história com a criançada;

A história era a pesquisa da pesquisadora muito engraçada;

Que nela tinha muitas crianças, uma escola e até uma floresta encantada;

Ela descobriu com a criançada que toda história pode ser contada;

Descobriu também que a sala de aula pode ser reinventada;

Que a escola pode ser na rua, na floresta e também nas lembranças que em nós ficam coladas;

Que aprender é compartilhar histórias, tecer memórias e cantorias;

Que pesquisar é aprender, compartilhar, refletir e reinventar;

Dessa história a pesquisadora engraçada que sonhava acordada, descobriu que os ambientes podem interferir na forma como as crianças compreendem e experienciam as histórias, mas que a própria história contada ou narrada, também estimula muito a criançada.

Ela deixa como sugestão e como vontade própria, pesquisar as histórias que tem sido contada para a criançada nas escolas e a possibilidade de ampliar esses repertórios.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. In: Revista Brasileira de Educação, n. 23, p. 62-74, 2003.

CHAGAS, Lilane Maria de Moura. A língua materna na primeira série do ensino fundamental: as narrativas como uma fonte da imaginação criadora. 2006. 290 f. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

DAYRELL, Juarez Tarciso. (Org.). Múltiplos Olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1996. p. 1-26.

DESLAURIERS J. P. Recherche Qualitative. Montreal: McGraw Hill, 1991.

GIRARDELLO, Gilka. Uma clareira no bosque: contar histórias na escola. Campinas: Papirus, 2014.

_____. Voz, presença e imaginação: a narração de histórias e as crianças pequenas. 2007. Disponível em: <<http://www.botucatu.sp.gov.br/Eventos/2007/contHistorias/artigos/aNa rraao.pdf>>

Acesso em: 10 de Jun. de 2017.

HONORATO, A. et al. A vídeo-gravação como registro, a devolutiva como procedimento: pensando sobre estratégias metodológicas na pesquisa com crianças. In Anais da 29ª ANPED. Caxambu, 2006. Disponível em <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT16-2172- -Int.pdf>>

Acesso em: 10 de Jun. de 2017.

LARROSA, Jorge. Nietzsche & a Educação. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2009. 120 p.

_____. -Notas sobre a experiência e o saber da experiência In Revista Brasileira de Educação N°19. 2002.

MEDRADO, Benedito; Spink, Mary Jane; Méllo, Ricardo Pimentel (2014). Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais

implicadas. *In*: A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas. (pp. 273-294). Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; OLIVEIRA, Eloísa Raquel; MESSINA, Virginia da Silva. Deixando marcas... a prática do registro no cotidiano da educação infantil. Florianópolis: Cidade Futura, 2001. 110p.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Encontros e encantamentos na educação Infantil. Editora: Papyrus, 2000. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=7b00kD_MdxsC&pg=PA175&hl=pt-BR&source=gbs_toc_r&cad=3#v=onepage&q&f=false> Acesso em: 10 de Jun. de 2017.

PAVIANI, N. M. S.; FONTANA, N. M. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. *In*: Conjectura v. 14, n. 2, maio/ago. Caxias do Sul, 2009.

REIGOTA, Marcos. O que é educação ambiental. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ANEXOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada(o) mãe, pai e/ou responsável,

Seu(sua) filho(a) está sendo convidado(a) a participar voluntariamente da pesquisa intitulada “*Um ambiente e uma contação de histórias sensível a qualquer criança*”, sob responsabilidade da pesquisadora Larissa Goedert Cabral, estudante de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e sob orientação do Prof^o. Dr. Leandro Belinaso Guimarães.

Desenvolveremos esta pesquisa pois acreditamos que a literatura e conseqüentemente as atividades e os ambientes de contação de histórias ampliam e enriquecem as experiências das crianças. Assim, esta pesquisa tem como objetivo estimular a leitura e a escrita, bem como oportunizar ambientes e tempos diferentes para a criatividade e a imaginação. Para isso, serão realizadas algumas práticas pedagógicas com as crianças, compostas de leitura e contação de histórias, brincadeiras e desenhos.

Antes de dar início às atividades, a pesquisa e as obras literárias que serão trabalhadas foram apresentadas à Direção da escola e às professoras, que analisaram e autorizaram a sua realização. As atividades serão desenvolvidas ao longo de 3 semanas, sendo 1 encontro por semana com duração de 1h30min cada. As oficinas ocorrerão nos espaços da própria escola, no horário regular de aula e terão o acompanhamento da professora responsável pela turma.

A participação na pesquisa é voluntária e o risco envolvido é mínimo, ou seja, o mesmo existente em qualquer atividade rotineira da

escola. As crianças serão esclarecidas sobre o que será realizado e assinarão o Termo de Assentimento, se assim concordarem em participar. Fica assegurado o direito da criança de recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento e sem nenhuma penalização. Caso venha a ter dificuldade em realizar alguma das atividades propostas a criança não sofrerá nenhum tipo de constrangimento. A participação na pesquisa não implicará em nenhum custo para os(as) participantes, que também não irão receber qualquer espécie de reembolso ou gratificação devido à sua participação.

Durante as oficinas serão realizadas diversas formas de registro das atividades (gravação de áudio, registro em vídeo e fotográfico, anotações em diário de campo). É garantida a confidencialidade, o que assegura a privacidade dos(as) participantes quanto aos dados obtidos durante a pesquisa. As identidades serão mantidas em sigilo, sendo que somente serão divulgados dados diretamente relacionados aos objetivos da pesquisa. Os desenhos produzidos pelas crianças ao longo das oficinas serão posteriormente devolvidos às mesmas, após a defesa pública da pesquisa.

Como forma de garantir que a pesquisa esteja de acordo com as diretrizes e normas que regulamentam as pesquisas com seres humanos, solicito a sua assinatura na declaração abaixo:

Eu, _____,
na qualidade de responsável pelo(a) menor _____,
concordo de livre e espontânea vontade com a sua participação como voluntário(a) da pesquisa acadêmica a ser desenvolvido na JUCELINO KUBITSCHKEK pela pesquisadora LARISSA GOEDERT CABRAL. Fui esclarecido(a) de maneira clara e detalhada sobre a justificativa, objetivos e procedimentos que serão utilizados na pesquisa e que em qualquer momento poderei solicitar novas informações. Fui informada(o) que a pesquisa não tem fins lucrativos e que a participação não implicará em custos. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade ou constrangimento e que a identidade do(a) menor será mantida em sigilo. Declaro também ter recebido uma cópia deste Termo.

Assinatura – Responsável

Assinatura – Pesquisadora responsável

São José, ____ de _____ de 2017.

Em caso de dúvidas, entre em contato: (48) 99634-8707/
goedertlarissa@gmail.com

TERMO DE ASSENTIMENTO

Eu _____,
aceito participar voluntariamente das oficinas de contação de histórias que serão realizadas pela estudante LARISSA GOEDERT CABRAL e que farão parte da sua Pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso. Fui informado(a) sobre os procedimentos que serão realizados e os objetivos da pesquisa. Sei que a qualquer momento poderei interromper a minha participação sem nenhuma penalização e que o meu responsável poderá modificar a sua decisão se assim o desejar. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura do(a) menor

Assinatura da pesquisadora

São José, ____ de _____ de 2017.